

## O TRABALHO MATERIAL DA LÍNGUA NOS DISCURSOS REVOLUCIONÁRIOS

Ilka de Oliveira MOTA

Universidade Estadual de Campinas

Nas curtas linhas que constituirão esse nosso artigo, objetivamos trazer e destacar algumas das ricas reflexões que Michel Pêcheux tece em seu texto *Délimitations, retournements, déplacements*<sup>1</sup>.

Pêcheux o inicia fazendo referência aos espectros que assombraram a Europa e que mais tarde – mas não muito – iriam se propagar pelo mundo. Mais precisamente, tais espectros eram o da *Revolução Francesa de 1789*, o das *Revoluções Socialistas do século XIX* “(aquelas que não aconteceram, onde e quando eram esperadas)”, e o das *revoluções do século XX*, “derivadas da de outubro de 1917”.

Antes de começar a delinear o real que constituiu cada um dos processos revolucionários em questão, o autor esclarece os vários sentidos da palavra “espectro”: *a) a figura fantástica do espírito dos mortos, que retorna para perseguir os vivos: imagens de corpos gloriosos, convertidos em visões terrificantes de fantasmas-espantalhos atravessando a história; b) o velho truque de fantasmagoria, destinado a produzir, para o público espectador, a ilusão de uma presença irreal, que se relaciona, em cena, com atores de carne e osso, e, finalmente, c) a tentação de alguma coisa como “a análise espectral” das revoluções: a distribuição e a variação de suas colorações, bordadas de radiações invisíveis; e as faixas, brilhantes ou obscuras, as “raias” que dividem seu campo como fronteiras, marcando nele o traço dos elementos que entram em sua misteriosa composição...*<sup>2</sup>

Essa referência fantasmática constituirá todo o texto de Pêcheux. Neste sentido, é certo afirmar, junto com MILÁN-RAMOS (cf. artigo do autor aqui mesmo nesse encontro), que os fantasmas a que se refere, não só assediaram a Europa e

---

<sup>1</sup> Tradução brasileira de José Horta Nunes. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº. 19, Campinas, jul./dez, 1990: pp.. 7-24.

<sup>2</sup> Cf. *op. cit.*, p. 8

o mundo, mas o próprio Pêcheux quando refere-se à situação francesa como um “*caso sinistramente exemplar*”.

Pêcheux reconhece nos discursos com pretensão revolucionária um contato entre o que é da **ordem do visível** e a **ordem do invisível**, a do **existente** e a do **alhures**, a do **não-realizado** ou a do **impossível**, a do **presente** e a das **diferentes modalidades da ausência**. Para ele, as formas lingüísticas são o lugar possível de produção do invisível e da ausência. Nas palavras do autor,

*“toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível”<sup>3</sup>.*

O mote do trabalho de Pêcheux parece ser justamente o momento em que chama a atenção do seu leitor para o fato de que a linguagem teve (e tem) um papel decisivo na questão histórica das revoluções, na medida mesmo em que ela permitiu (permite) construir fronteira, delimitação. O autor destaca que, geralmente, o que fica de fora, como uma espécie de cegueira crônica, nos discursos revolucionários onde a imagem predominante é aquela dos *mundos paralelos* (i.e.: de um lado, a classe dominante e de outro, a classe dominada) é um **terceiro elemento invisível**, aquele que recorta a unidade e que nunca é questionado. Dito de outra forma, para haver um mundo pautado na *lógica da inversão* – o que resulta na impressão de haver aí dois mundos paralelos em um – é necessária a existência de um terceiro elemento a fim de formatar ambos. É esse o ponto para o qual Pêcheux aponta.

Para finalizarmos ainda que imaginariamente esse nosso texto, talvez seja propícia uma pergunta como uma forma de continuarmos a refletir e compreender como os sentidos são construídos e como os sujeitos se subjetivam nos processos revolucionários, ou melhor, nos discursos com pretensão revolucionária:

---

<sup>3</sup> Cf. *op. cit.*, p. 8

*Na relação de se pensar o que existe com o que não existe, o que é realizado com o que é irrealizado, o que é visível com o que é invisível, por onde é que passam as fronteiras, e como o discurso, através da linguagem, constrói tal delimitação?*

Esta questão aponta para o que Pêcheux propõe no final de seu texto:

*“Aceitar questionar a lógica paranóica dos efeitos de fronteira para discernir os elementos de resistência e de revolta que se deslocam sob as lógicas estratégicas da inversão: aceitar heterogeneizar o campo das contradições para esquivar as simetrias que aí se instalam; aceitar abalar a religião do sentido que separa o sério (o útil, o eficaz, o operatório) do “sem sentido”, reputado perigoso e irresponsável<sup>4</sup>”*

Aceitemos, então, teoricamente, o que Michel Pêcheux magistralmente propõe nesse seu texto tão **ardente**<sup>5</sup>, “desvisualizar os espectros do discurso revolucionário para começar a devolver o que se deve ao invisível, isto é, ao “movimento real” (Marx), que trabalha neste mundo para a abolição da ordem existente...”<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Cf. *op. cit.*, p. 20.

<sup>5</sup> Faço aqui referência ao belíssimo texto da prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica G. Zoppi-Fontana com o qual nos emocionamos neste **I Seminário de Estudos em Análise de Discurso**. Cf. aqui mesmo nesse encontro. E já aproveitei esta oportunidade para agradecê-la pelas produtivas conversas sobre o texto em debate.

<sup>6</sup> Cf. *op. cit.*, p. 20.

## Referências Bibliográficas:

PÊCHEUX, M. (1982). *Délimitations, retournements, déplacements*. Trad. brasileira de José Horta Nunes. In: **Cad. Est. Ling.** , nº 19, Campinas, jul./dez, 1990: pp. 7-24.

PÊCHEUX, M. e GADET, F. (1981). *La langue introuvable*. Maspéro, Paris.

MILÁN-RAMOS, J. G. (2003). *Um Sonho Marxista (Mais de Um)*. Texto apresentado no I Seminário de Estudos em Análise de Discurso.